

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

LEILIANI ALVES DA CRUZ

**EXPERIÊNCIAS LÚDICAS NA INFÂNCIA A PARTIR DE CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS**

**UBERLÂNDIA
2019**

LEILIANI ALVES DA CRUZ

**EXPERIÊNCIAS LÚDICAS NA INFÂNCIA A PARTIR DE CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS**

Monografia apresentada no Instituto de Artes
da Universidade Federal de Uberlândia,
como exigência para a conclusão de curso.

Área de concentração: Teatro

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosimeire
Gonçalves dos Santos.

UBERLÂNDIA
2019

**EXPERIÊNCIAS LÚDICAS NA INFÂNCIA A PARTIR DE CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS**

Monografia aprovada para a obtenção do diploma de licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (MG) pela banca examinadora formada por:

Prof.^a Dra. Rosimeire Gonçalves dos Santos, UFU/MG

Prof.^a Dra. Mariene Hundertmarck Perobelli, UFU/MG

Prof. Dr. Daniel Santos Costa, UFU/MG

Uberlândia, 18 de dezembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente ao meu primeiro amor, minha mãe, por sempre ter me apoiado em todas as minhas decisões, e que através de sua maneira de me olhar, que consegui me vê de uma maneira diferente diante do mundo, tentando ser a minha melhor versão, e por sempre acreditar em mim!

Agradeço a Deus, por ter me dado o dom da vida e por ter sido o mais belo dos meus diretores.

Agradeço a minha família e aos meus amigos de infância e também os que fiz na universidade, por toda amizade, dedicação e apoio, pois vocês foram essenciais durante toda a minha caminhada.

E por fim, agradeço todos os professores que tive até aqui, cada um de vocês fez parte das sementes que foram plantadas e semeadas em mim ao longo da minha vida acadêmica. Em especial, quero agradecer a Prof.^a Rosimeire Gonçalves, por ter me orientado, servido como um grande alicerce e me dando forças para que eu continuasse otimista durante esse minucioso processo de escrita.

RESUMO

A proposta deste trabalho é trazer, a partir de um contexto histórico, uma investigação através de experiências lúdicas vividas, sendo esta, no trabalho com o uso de elementos sensoriais, no método de drama e no jogo de contação de histórias, experimentar procedimentos por meio de jogos e brincadeiras, explorando os limites entre fantasia x realidade. No campo da formação docente, busca-se analisar possibilidades de desenvolvimento lúdico das crianças através do imaginário e de elementos que favoreçam essa exploração e, também, propor o estudo entre o real e o que é apenas imaginado, podendo-se lapidar o potencial criativo das crianças através das atividades lúdicas. O objetivo da pesquisa é buscar entender como essa criatividade e como as nossas descobertas através dessas vivências podem contribuir para melhorar a relação das crianças com o meio em que vivem. A pesquisa foi realizada com crianças entre 2 a 8 anos dos estágios supervisionados III e IV do curso de licenciatura em Teatro e da ESEBA, dentro do programa de Residência Pedagógica.

Palavras-chave: Ludicidade; Imaginário; Contação de Histórias; Método de Drama.

LISTA DE FIGURAS

FOTO 1 - ISIS 2 ANOS, ALUNA DA OFICINA: AULA COM O ELEMENTO CAIXA.....	22
FOTO 2 - AULA COM ELEMENTO CAIXA COM AS CRIANÇAS DE 2 A 3 ANOS.....	23
FOTO 3 - LALÁ E MARIA IRIS, 2 ANOS, ALUNAS DA OFICINA: EXPLORANDO O ELEMENTO CAIXA.....	24
FOTO 4 - AULA COM O TEMA ARGILA COM AS CRIANÇAS DE 2 A 3 ANOS.....	26
FOTO 5 - ESCULTURAS DE ARGILA FEITAS PELAS CRIANÇAS DE 2 A 3 ANOS - AULA COM O ELEMENTO.....	26
FOTO 6 - AULA COM O TEMA: TINTA COM AS CRIANÇAS DE 2 A 3 ANOS.....	27
FOTO 7 - CRIAÇÕES A PARTIR DO ELEMENTO TINTA COM AS CRIANÇAS DE 2 A 3 ANOS.....	28
FOTO 8 - FINALIZAÇÃO DA AULA COM TINTA COM AS CRIANÇAS DE 2 A 3 ANOS.....	29
FOTO 9 - PINTURA FEITA PELAS CRIANÇAS DE 2 A 3 ANOS, A PARTIR ELEMENTO TINTA.....	29
FOTO 10 - PINTURA FEITA PELAS CRIANÇAS DE 2 A 3 ANOS, A PARTIR DO ELEMENTO TINTA E GRÃOS DE FEIJÃO.....	30
FOTO 11 - CRIAÇÃO FEITA PELAS CRIANÇAS, A PARTIR DO ELEMENTO TINTA, FEIJÃO E COLA.....	30
FOTO 12 - PRIMEIRA AULA COMA TURMA DE 4 A 6 ANOS, COM O TEMA: JOGO DE CAÇA AO TESOURO.....	31
FOTO 13 - DISTRIBUIÇÃO DOS ADEREÇOS PARA AS CRIANÇAS DE 4 A 6 ANOS, AULA COM O TEMA: ALTO-MAR.....	32
FOTO 14 - PRIMEIRA CARTA ENVIADA AS CRIANÇAS DE 4 A 6, PARA INICIAR O DRAMA PROCESSO: CAÇA AO TESOURO.....	33
FOTO 15 - MAPA PARA O PRIMEIRO EPISÓDIO DO DRAMA PROCESSO: CAÇA AO TESOURO.....	34
FOTO 16: MAPAS USADOS PELAS CRIANÇAS DE 4 A 6, PARA O SEGUNDO EPISÓDIO DO DRAMA PROCESSO.....	35

FOTO 17 - EXPLORAÇÃO DO ESPAÇO DAS CRIANÇAS DE 4 A 6 ANOS, A PARTIR DO MAPA DO TESOIRO.....	37
FOTO 18 - MOMENTO EM QUE O ALUNO ARTHUR (6 ANOS), AVISTOU O BAÚ DE TESOIRO.....	38
FOTO 19 - LEITURA DA CARTA JUNTO ÀS CRIANÇAS DE 4 A 6 ANOS, ENCONTRADA DENTRO DO BAÚ DO TESOIRO NO SEGUNDO EPISÓDIO DO DRAMA PROCESSO: CAÇA AO TESOIRO.....	39
FOTO 20 - MOMENTO EM QUE O ALUNO GUSTAVO (6 ANOS), ENCONTROU O PRIMEIRO FRAGMENTO DA CARTA ENTERRADA.....	40
FOTO 21 - PROCESSO COLABORATIVO DE ALGUMAS DAS CRIANÇAS DE 4 A 6 ANOS NA OFICINA DE CRIAÇÃO DOS ANIMAIS DA TERRA PERDIDA.....	41
FOTO 22 - EXPOSIÇÃO DO ANIMAIS CRIADOS A PARTIR DO DRAMA EM PROCESSO: CAÇA AO TESOIRO NO COMUFU, FEITO PELAS CRIANÇAS DE 4 A 6 ANOS DA OFICINA.....	45
FOTO 23 - ÚLTIMA DIA DA OFICINA COM AS CRIANÇAS DE 4 A 6 ANOS.....	46
FOTO 24 - AMBIENTAÇÃO DO ESPAÇO PARA A AULA DA OFICINA COM CRIANÇAS DE 7 A 8 ANOS, A PARTIR DO ELEMENTO BOLINHA.....	47
FOTO 25 - CRIAÇÃO DAS PLACAS COM OS NOMES FICTÍCIOS PARA COMPOR O ESPAÇO, FEITO JUNTO ÀS CRIANÇAS DE 7 A 8 ANOS.....	49
FOTO 26 - VISITA DA NOSSA COLEGA SARA, PARA OBSERVAR A NOSSA OFICINA COM AS CRIANÇAS DE 7 A 8 ANOS.....	50
FOTO 27 - AULA: INVESTIGAÇÃO DO CORPO E FORMAS NO ESPAÇO, COM AS CRIANÇAS DE 7 A 8 ANOS.....	50
FOTO 28 - INÍCIO DO TRABALHO DE CONSTRUÇÃO DAS CABANAS JUNTO AOS EXERCÍCIOS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, COM AS CRIANÇAS DE 7 A 8 ANOS.....	51
FOTO 29 - FAMÍLIA DA ALUNA YASMIN (7 ANOS), AJUDANDO-O A CONSTRUIR A SUA CABANA.....	52
FOTO 30 - POUCO ANTES DO INÍCIO DO COMPARTILHAMENTO DO PROCESSO DA OFICINA DAS CRIANÇAS DE 7 A 8 ANOS.....	53
FOTO 31 - RODA DE CONVERSA COM OS ALUNOS ARTHUR, ISADORA E YASMIN, UM BREVE MOMENTO DE CONCENTRAÇÃO PARA O INÍCIO DO COMPARTILHAMENTO DA OFICINA DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS,	

SUMÁRIO

1. SOBRE CAUSOS E COISAS.....	10
2. IMAGINAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO.....	11
3. REFLEXÕES SOBRE OS EXPERIMENTOS LÚDICOS.....	17
3.1. COMUFU: CONHECENDO AS CRIANÇAS.....	17
3.1.1. MEDO DO DESCONHECIDO.....	19
3.1.2. APRENDIZADOS COM A TURMA DE CRIANÇAS DE 2 A 3 ANOS.....	21
3.1.3. CONHECENDO A TURMA DE 4 A 6 ANOS.....	30
3.1.4. ADENTRANDO NO DRAMA PROCESSO: UMA INVESTIGAÇÃO ENTRE FANTASIA X REALIDADE.....	32
3.1.5. MAPA DO TESOURO.....	32
3.1.6. CONHECENDO O MUNDO PERDIDO E A CRIAÇÃO DOS ANIMAIS.....	36
3.2. CONTANDO HISTÓRIAS: UM EXPERIMENTO A PARTIR DO CORPO DO NARRADOR.....	46
3.3. RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.....	53
4. REFLEXÕES FINAIS.....	58
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60

1. SOBRE CAUSOS E COISAS

A escolha de trabalhar com o jogo de contação de histórias partiu da importância de escutar casos e histórias ao longo da minha vida, especialmente na minha infância. Ter contato com essas diversas narrativas me incentivou na construção de um imaginário repleto de curiosidade habitado por todos estes personagens, acontecimentos e lugares que já começavam a ter significado dentro de mim. Sempre insistia para os meus irmãos e amigos da rua brincarem de “fingimento” comigo, naquela época, com 7 anos de idade só tinha como vivência as “pecinhas” da escola e nada mais, não tinha dimensão do que realmente era o teatro, então na minha inocência de criança estava mais interessada em fingir mesmo, tanto que num piscar de olhos me tornava rainha, artista de TV, algum animal qualquer, mãe, vendedora de fita, cantora, e tudo aquilo que na minha real condição não era, somente pelo simples fato da brincadeira, um lugar onde podia usar e abusar do meu imaginário, sem ser julgada por ninguém, porque afinal, era apenas uma criança, e crianças imaginam mesmo. Fui crescendo, mas a minha vontade de continuar fingindo e inventar histórias não diminuiu, mas a partir de então comecei a ver isso tudo com outros olhos, olhos de quem realmente queria entrar nesse grande furacão de sensações no qual chamamos de ludicidade.

A pesquisa presente consiste em destacar a importância do lúdico na educação infantil, usando como instrumento experiências a partir de elementos sensoriais, do método de drama e do jogo de contação de histórias e refletindo como isso pode ser utilizado para instigar a imaginação das crianças, utilizando-a como forma de aprendizado, transformando a brincadeira numa ponte de interação com o espaço ao seu redor e as suas próprias descobertas. Os questionamentos em volta do trabalho visam observar como a fantasia ligada a esses métodos ajuda a criança a liberar o seu potencial criativo, assim experimentando novas habilidades, podendo ser tanto intelectuais como corporais. A infância é um período de extrema importância e é, geralmente, essa fase da vida que determina como será o desenvolvimento não apenas da sua personalidade como também da sua habilidade criativa.

O objetivo geral do trabalho é criar possibilidades que façam com que a criança possa, por meio da experiência vivida, se comunicar melhor consigo mesma e com o mundo que a cerca, possibilitando o estabelecimento de relações sociais e favorecendo a construção de conhecimento, através das suas vivências, em um contexto de autonomia e valorização das suas próprias descobertas. Através de várias estratégias de ensino podemos chegar a um método de aula chamado drama. Com o drama como método de ensino (CABRAL, 2006), a imaginação das crianças constrói histórias, podendo também tornar todo o conteúdo

interdisciplinar. A partir de um pretexto, acontece uma recriação e adaptação do cotidiano de cada criança, deixando todos unidos e com um único propósito: realizar o desfecho de história. Os exercícios de contar e inventar histórias no contexto do método de drama, assim como o uso de elementos sensoriais agregam significados de uma maneira sensível a essa experiência.

2. IMAGINAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO

Para contextualizar a pesquisa, trago alguns pressupostos teóricos sobre o que é imaginação. Muitos autores a denominam como a base de toda a atividade criadora, tanto do homem descobridor, quanto do seu potencial imaginário, que é quando a sua principal capacidade criativa ajuda a organizar aquilo que não estava dado, sendo um dispositivo para descobrir novas possibilidades a partir dele.

Vygotsky (2011, p.28-29), apresenta duas formas de relação entre a atividade imaginária e a realidade, a primeira é a de que toda criação imaginária trata de elementos apanhados da própria realidade, resultando, em uma ressignificação desses elementos. A segunda é aquela em que a imaginação possibilita o conhecimento do real a partir da experiência do outro, dessa forma, ampliando sua própria experiência. Isso ocorre quando construímos imagens de lugares, fatos e coisas que nunca vimos, sendo a narração de uma história um exemplo bem básico, onde o narrador imagina como são os elementos de uma história que ele nunca viveu.

Segundo Maria de Nazaré (2015, p.366), as imagens criadas pela fantasia, que despertam emoções e sentimentos reais, também podem ser consideradas como um terceiro tipo de relação que estabelece uma combinação entre imaginação e elementos da realidade, de modo que corresponda ao estado afetivo do indivíduo e não à lógica exterior. O produto da imaginação pode não coincidir com a realidade, mas ser capaz de despertar emoções e sentimentos reais.

E, finalmente, o resultado da imaginação pode representar algo completamente novo, que ganha existência própria na realidade. Vê-se, assim, que a atividade imaginária tanto toma do real a matéria sobre a qual opera, quanto produz novas (ir)realidades. Nesse contexto, é a possibilidade de recombinar fatos, impressões, imagens já vividas que parece caracterizar a imaginação e sua capacidade criadora e, para Vygotsky, é a imagem, como cópia mais ou menos fiel do real, que serve de base para essa atividade que combina e cria.

De acordo com o pensador e psicólogo Piaget (1973), a criança percebe o mundo de uma maneira diferente do que um adulto perceberia. Esses estágios de desenvolvimento são vistos como uma forma de crescimento progressivo de habilidades do indivíduo, ajudando a construir uma visão do mundo que o cerca e possibilitando que ele projete, a partir disso, suas próprias conclusões sobre o passado e o futuro. Nas primeiras fases do desenvolvimento da criança, ela interage bastante com a brincadeira de faz de conta, pois a sua condição imaginária ainda é muito próxima da condição real que ela representa, estando mais próxima da imitação e da memória, do que da própria criação.

A situação muda com a chegada da linguagem e de seu papel na brincadeira, partindo cada vez mais para o campo das significações, dando origem ao seu pensamento abstrato. O primeiro estágio básico de desenvolvimento é a fase da Inteligência Sensório-Motora, que se dá entre 0 a 2 anos, período em que toda a organização da criança é feita a partir das suas ações sensório-motoras, o mundo é visto apenas pelo olhar da criança, e sua aprendizagem é alcançada a partir da repetição. É, também, baseada nas suas experimentações através da imitação que a criança começa a ver o objeto como algo separado dela mesma.

Apoiando-se nessas experiências, a criança passa para o segundo estágio, que é o pensamento pré-conceitual. Esse estágio se dá entre 2 a 4 anos, quando a criança começa a identificar os objetos a partir da realidade, levando-a a compreender os significados das palavras. Após passar pelo estágio pré-conceitual, a criança passa pelo terceiro estágio: o do pensamento intuitivo, que se dá entre os 4 a 7 anos, quando o pensamento ainda está vinculado com a ação e a percepção, e a criança faz uso do raciocínio transdutivo, que é quando ela começa a perceber que as suas ações estão ligadas com a sua vontade. O estágio de operações concretas se dá após a acomodação das fases anteriores, entre 7 a 11 anos.

Para Piaget, é nesse estágio que a criança reorganiza verdadeiramente o seu pensamento, vendo o mundo de uma maneira mais realista separando o que é real e o que é fantasia, adquirindo a capacidade de compreender operações, a partir da noção de volume, peso, espaço, tempo, e também operações numéricas. É nesse período que a criança interioriza dentro de si algumas regras sociais e morais e as cumpre para se proteger, começando a dar grande valor ao grupo, adquirindo valores como amizade e companheirismo.

Após os 11 anos, a criança passa para o estágio de operações formais, o último estágio básico de desenvolvimento, onde vai romper pela primeira vez com o mundo real, buscando hipóteses para as suas perguntas de forma espontânea, distinguindo o real do possível. É

nesse estágio que a criança começa a pensar a respeito do que imagina, de possibilidades, e não apenas das coisas que viu ou conhece. Para Piaget (1973), o ser humano possui um método específico de funcionamento, uma maneira de pensar, não o que pensamos, mas sim, como pensamos. De modo que já tivéssemos em nós um modelo básico que permitisse a nós nos adaptarmos ao meio que nos cerca, causando, assim, a modificação de nós mesmos. O que ele quer dizer basicamente, é que quando a criança observa tal ação ela já assimila essa ação no primeiro momento em que a faz. A partir dessa assimilação, ela vai se acomodando nesta ação, de forma que consiga fazê-la cada vez melhor. É nesse ponto do esquema piagetiano que entra a imitação, ação diretamente ligada a esse processo de assimilação e acomodação.

Deste modo Piaget (1973), também relata que a inteligência é uma combinação harmoniosa entre imitação e jogo, classificando as atividades lúdicas em três tipos: de exercício, de símbolo e de regra. Os jogos de exercício aparecem já nos anos iniciais da vida e continuam sempre quando uma nova habilidade é adquirida, pois ao mesmo tempo em que a criança brinca ela também está descobrindo e aprendendo. Em segundo lugar, entram os jogos simbólicos, que envolvem a representação de um objeto ausente, fazendo a comparação entre um elemento dado e um imaginado, envolvendo-se, então, com o jogo de faz-de-conta. Por último, surgem os jogos de regras, no qual acrescentamos regras para um determinado exercício e que devem ser seguidas pelo grupo.

A atitude lúdica já estava presente antes da existência da cultura ou da linguagem humana, portanto o terreno no qual se inscrevem a personificação e a imaginação também já estava presente desde o passado mais remoto. (HUIZINGA, 2001, p.156). Essa personificação surge quando alguém sente a necessidade de comunicar aos outros as suas percepções, fazendo com que suas concepções ocorrem enquanto atos da imaginação.

A representação em forma humana de coisas incorpóreas ou inanimadas é a essência de toda formação mítica e de quase toda poesia, mas o processo não segue rigorosamente o curso acima indicado. O que se passa não é primeiro a concepção de alguma coisa como destituída de vida e de corpo, e depois como algo que possui um corpo, partes e paixões. (HUIZINGA, 2001, p.151.)

As possibilidades de agir com liberdade, que surgem na consciência do homem, estão intimamente ligadas à imaginação, ou seja, à tão peculiar disposição da consciência para com

a realidade, que surge graças à atividade da imaginação. (VYGOTSKI, 1998, p. 130). Levando em consideração a importância da educação da imaginação, Greene *apud* Girardello (1995, p.124, 2011), faz uma defesa apaixonada dessa perspectiva, dizendo que o envolvimento das crianças com a arte é o melhor antídoto contra o “congelamento do pensamento imaginativo” causado muitas vezes pelo “Bombardeio de imagens da divindade da comunicação tecnológica.

Para Greene *apud* Girardello (1995, p.140, 2011), a imaginação é a capacidade de olhar através das janelas do real. No momento em que as crianças ou até mesmo nós adultos, divagamos em nosso subconsciente, olhando fixamente para alguma coisa ou para o além, não significa que estamos “olhando para o nada”, como a minha mãe sempre dizia quando me pegava nessa atividade contemplativa, que causava uma total conexão com a liberdade do meu imaginário. Lembro-me de uma das minhas brincadeiras prediletas, quando criança, que era a de criar formas com as nuvens. Adorava olhar a mistura do céu azul com as nuvens de algodão e as imagens que ali poderiam se formar e (re)formar. Eram momentos mágicos, nos quais se misturavam devaneios e realidade.

Para Bachelard (1994, p. 9), a relação com a natureza é mesmo a grande matéria da imaginação infantil: o devaneio na criança é um devaneio materialista. A criança é um materialista nato. Seus primeiros sonhos são os sonhos das substâncias orgânicas, diz Bachelard (1990, p. 12), remetendo aos elementos — o fogo, o ar, a água e a terra — que para ele são “os hormônios da imaginação”. Assim, o papel do adulto como mediador é de extrema importância para não tolher a capacidade imaginativa da criança e, para que isso ocorra, sempre propor um equilíbrio do esquema de atividades em ambiente de liberdade, onde a criança possa brincar e explorar possibilidades sozinha.

Existe um grande laço entre narrativa e imaginação, pois a criança tem a necessidade de se apoiar nas imagens das histórias como impulso para a sua própria criação abstrata. Portanto, a necessidade das histórias tem sido um aspecto central na vida imaginativa das crianças. A imaginação é um modo de ver além do olhar, despertando sentidos emocionais, de sentir além, exercitando a sua curiosidade sobre as coisas do mundo e construindo conhecimento por meio delas e, assim, habitando completamente o imaginável.

A prática de contar histórias pode ter sido uma das principais manifestações de expressão após o surgimento da linguagem, como ressalta Maria Izabel Ramos no artigo: Contando histórias: o universo que cada um vê, que cada um é (In: Ana Elvira Wuo, 2012, p. 33). Para a autora, os significados e objetivos das histórias que são contadas mudam de

acordo com o tempo e espaço. Como exemplo, relembra as antigas sociedades agrárias onde contar histórias entre os membros das famílias era natural. Os mais velhos estavam sempre contando casos e lendas para os mais jovens, transformando o ato de contar histórias em uma herança histórica, que é passada de pai para filho.

Para Ramos, a partir da exploração do conto, de suas características e seus vestígios, é possível descobrir muito mais sobre a sua origem, bem como as influências que elas incorporam, fazendo com que a contação de histórias seja um meio de construir novos conhecimentos sobre o homem e o mundo em que ele vive, preservando a memória cultural, adquirindo novos significados e estimulando a imaginação e criatividade, tornando essa prática uma forma de integração sociocultural.

A leitura do artigo me trouxe uma ligação com as histórias de causos populares que a minha mãe contava e que a minha avó Júlia contava para ela, lembro-me bem quando presenciei a minha avó contando uma das suas histórias. Foi um dia em que teve uma grande queda de energia por causa da chuva, no vilarejo onde ela mora, situado próximo a Londrina. Estavam comigo dois primos e, atentos, ouvimos ela contar, com uma vela na mão, a lenda da mula sem cabeça, que, segundo ela, sempre aparecia em dias de chuva como aquele. E era geralmente em dias de chuva que ela nos contava suas histórias, não sei muito bem o porquê, desconfio que seja porque era um momento em que todos se mantinham juntos devido ao medo da tempestade. Era incrível ver o seu domínio da história como se já tivesse realmente visto a protagonista da lenda... sua expressão nunca falhava, o que causava um enorme medo em mim e nos meus primos.

Lembro-me de outro fato que me ocorreu, sendo este bem mais antigo do que o primeiro que relatei. Aconteceu na primeira vez que viajei para conhecer os meus avós. O meu avô Deoclides ainda era vivo, nessa época. Viajamos somente eu, com três anos de idade, minha irmã com 5 anos, e minha mãe, recém separada do meu pai; nesse dia coincidentemente ou não, também estava chovendo muito, trovejando para ser mais exata. Eu, minha irmã e meus primos corríamos pela casa, com os pés descalços. Os trovões eram tão fortes que era possível sentir os choques no chão, o que fez com que nós todos saltássemos de uma vez só, em cima do sofá velho na sala da casa dos meus avós. Nesse dia, coincidentemente ou não, também, teve uma queda de energia bem forte. Mas, o cenário não era o mesmo, pois nessa época meus avós moravam bem afastados da cidade, em uma fazenda no meio do mato, o que nos dava mais medo ainda. Com tudo escuro, ouvimos uma voz bem no fundo da casa. Essa voz se dizia a mula sem cabeça. Nem é preciso dizer que

ficamos com os cabelos em pé de medo, como se realmente tivéssemos levado um choque e, ao fundo, a figura que se dizia a mula estava com uma vela junto a si. A medida que ela chegava mais perto, ficávamos com mais medo e gritávamos. Eu comecei a chorar de tanto medo, mas me contive quando percebi que a figura, na verdade, era a minha avó, que só queria passar medo na gente para que a gente pudesse parar com a bagunça pela casa. Como eu disse, minha avó era uma contadora de história de mão cheia e usava de todos os atributos para tornar a lenda que contava o mais real possível, sua expressão nunca falhava e o cuidado com os mínimos detalhes da história nos deixava muito mais interessados em ouvi-la.

Lembrar das histórias que a minha avó contava com maestria me faz refletir que o corpo não é apenas uma grande estrutura complexa, ele também é uma forma de estar no mundo, uma expressão viva que nos move em busca dos nossos desejos e emoções, apropriando-se do corpo que somos e não do corpo que temos; tendo a possibilidade de falar não apenas com palavras, mas também com gestos, expressões e ritmos de um ser presente. Quando o contador prepara uma história, o seu corpo tem a função de tornar vivo e real o que será narrado.

O método de drama, quando utilizado em processos pedagógicos e artísticos, traduz uma construção de um tempo e espaço ficcional, no qual, os seus criadores agem como se estivesse em tal espaço, como diz:

O drama é uma forma essencial de comportamento em todas as culturas, permite explorar questões e problemas centrais a condição humana, e oferece ao indivíduo a oportunidade de definir e clarificar sua própria cultura. É uma atividade em grupo, na qual os participantes se comportam como se estivessem em outra situação ou lugar, sendo eles próprios ou outras pessoas. (CABRAL,2006.)

Juntamente com o jogo de faz de conta da criança, o drama se apropria desse espaço para a construção de conhecimento através de situações dramáticas vividas pelos participantes, que agem como se estivessem realmente em tais situações, apoiando-se na habilidade natural dos seres humanos de criar e jogar com situações imaginárias, fazendo com o que os participantes investiguem questões do mundo real por meio da ficção e reflitam sobre a experiência realizada.

Conforme lembra Vygotsky (2001), a criança necessita de se comunicar e para isso ela se utiliza de gesto, da fala, do desenho, da brincadeira, do faz-de-conta, buscando expor

seus desejos, pensamentos e aspirações, bem como dialogar com o mundo que a cerca no seu exercício de compreensão. O drama tem a capacidade de reunir dentro da sua proposta diversas linguagens e eixos curriculares, dialogando com diferentes áreas e conteúdo que os educadores queiram trabalhar com as crianças por meio de um formato lúdico e experimental. A partir disso as crianças realizam descobertas e vivenciam cada desafio, refletindo a partir das suas percepções e também do coletivo.

3. REFLEXÕES SOBRE OS EXPERIMENTOS LÚDICOS

Neste capítulo eu abordo pontos importantes de como aconteceu as experiências dentro do processo dos estágios supervisionados III e IV através de oficinas e também do programa de Residência Pedagógica, na qual considero uma etapa importante na minha formação onde tive oportunidade de encaminhar os meus desejos de condução dentro do trabalho ao lado de parceiros, além de exercitar a minha autonomia enquanto professora/educadora.

3.1. COMUFU: CONHECENDO AS CRIANÇAS

A proposta levantada para o Estágio III, tinha como embasamento teórico/prático leituras sobre a abordagem Pikler-Loczy de Emmi Pikler, orientada pela professora Paulina Caon. O instituto Pikler-Loczy favorece a discussão e a reflexão de professores da educação infantil, assim como dos formadores desses professores, dando destaque às ideias principais que sustentam a compreensão do ser humano e de seu desenvolvimento presentes na teoria histórico-cultural.

A partir disso, provoca uma nova compreensão do papel da educação e da escola, abordando como se dá o processo de conhecimento, do lugar da criança e do adulto professor que cuida e educa a criança nos primeiros três anos de vida, tendo suas práticas muito próximas da teoria de Vygotsky.

No Instituto Pikler-Loczy, o papel do/a professor/a é de vital importância, ainda que não como fonte de estímulo direto à atividade da criança. O respeito à iniciativa das crianças, desde bem pequeninhas, de realizar atividades de maneira livre e espontânea sem a intervenção direta dos adultos sobre si, permite que a criança assuma seu papel de sujeito da aprendizagem e da criação, que siga um processo de manuseio e aproximação com os objetos que chamam sua atenção. Isso é bastante diferente do sistema de relações em geral presente

em escolas e instituições que acolhem crianças em que “o adulto intervém com a ajuda e com o 'ensino', mas também com limitações e com proibições. (PIKLER, 1969, p. 129 *apud* MELO e SINGULANI, 2014).

Segundo Pikler *apud* Melo e Singulani (1969, p. 14, 2014), no Instituto, o adulto não intervém de maneira direta na atividade da criança, nem mesmo para distraí-la, nem para ajudá-la em suas ações, nem impondo uma estimulação direta ou um ensinamento que, em lugar de ajudar na atividade e na necessidade de autonomia da criança, a converterão em um ser passivo e dependente.

O trabalho prático e reflexivo de Emmi Pikler foi iniciado nos anos 1940 e segue até os dias atuais, pois foi continuado por sua filha, Anna Tardos e demais pesquisadoras e pesquisadores de sua teoria. Orienta-se para a formação da condição humana das crianças pequenas como sujeitos de emoções, de movimentos, de interações, de exploração do mundo que se apresenta ao seu alcance. Por isso, um dos princípios fundamentais que orientam a prática pedagógica dos profissionais do Instituto Lóczy é a comunicação essencial entre adultos e criança por meio da relação afetiva privilegiada e a importância de como se dá essa relação.

Há uma relação abrangente entre os estudos e os estágios, bem como, junto ao desenvolvimento e o trabalho com a minha turma de Estágio Supervisionado III no ano de 2018-2, pois, o contexto no qual lecionei junto a minha parceira de estágio Júlia Leão para duas turmas, uma com a faixa etária de 2 a 3 anos e outra para a faixa etária de 4 a 6 anos. E sob a orientação da professora Paulina Caon que serviu como peça chave para esse primeiro contato com essa faixa etária, sempre trazendo leituras para discussão e também acompanhando de forma presente as nossas oficinas.

Na primeira turma, com crianças menores, posso compreender bastante do que acontece dentro de sala de aula, considerando como referência o processo de assimilação e acomodação abordado por Piaget. *Naquela turma, tínhamos como objetivo principal na nossa proposta de trabalho destacar a importância do lúdico na educação infantil, usando de brincadeiras como um instrumento facilitador do ato de instigar a imaginação das crianças.* Com esse objetivo, nossa proposta era investigar junto com as crianças uma forma de aprendizado, transformando a brincadeira numa ponte de interação entre elas, o mundo e as suas próprias descobertas. Acredito que a brincadeira e a fantasia ajudam a criança a liberar a sua imaginação e, assim, descobrir novas habilidades até então desconhecidas por ela.

Para desenvolver nossos objetivos, costumávamos trazer para as nossas aulas sempre um ambiente que ajudasse a criança a imaginar esse universo como se realmente estivesse nele, tentando trazer as mesmas sensações que o ambiente real proporciona, e a partir disso estimulávamos as crianças a visualizarem possíveis objetos ou coisas que fizessem parte desse ambiente. Após esse momento de visualização, pedíamos a cada criança que transportasse para o corpo aquilo que foi visualizado, e, à medida que uma ia fazendo, pedíamos para que todas as outras repetissem o que era feito, cada uma à sua maneira. Através desse momento de repetição consigo observar que a partir do movimento do outro, cria-se um repertório que permite à criança avançar na descoberta do seu próprio movimento. Ali, ela tinha como base, além das suas vivências cotidianas e o ambiente que foi criado, apenas o movimento do outro e o uso da sua própria imaginação.

As experiências docentes nos Estágios Supervisionados III e IV da Licenciatura em Teatro foram muito importantes para o meu processo de pesquisa, eles serviram como um pontapé para me aventurar mais nesse tema sobre contação de histórias. Quando comecei a minha proposta no estágio III, junto a Júlia Leão que me acompanhou nesse estágio com duas turmas com idades distintas, sendo por si só um grande desafio, a primeira turma me causou um enorme frio na barriga, pois até então só havia tido experiências com crianças de 5 a 8 anos através do programa Residência Pedagógica no qual irei adentrar mais adiante.

Lembro-me como se fosse ontem da ansiedade para o primeiro dia de aula, preparamos a sala com os colchonetes azuis sobre o chão, na intenção de tornar o ambiente mais agradável às crianças, pois por si só aquele ambiente já era bem diferente do que a maioria delas estavam acostumadas. A nossa coordenadora/professora de estágio Paulina Caon estava presente no dia, quando encontramos os pais no saguão para algumas recomendações antes do início da aula. Enquanto a Paulina e a Júlia falavam, eu olhava para os rostos das crianças uma a uma e o frio na barriga aumentava. E, pela primeira vez na vida, tive medo de criança.

3.1.1. MEDO DO DESCONHECIDO

Tenho uma lembrança especial de uma aluna, o nome dela é Isadora. Ela entrou na sala com os olhos lacrimejando por ter que se afastar do pai. A Paulina logo a pegou no seu colo e a acalmou, mas os olhos da menina ainda lacrimejavam ao mesmo tempo em que observava as outras crianças, e assim ficou, no colo da Paulina, só observando até o

fim da aula. Num piscar de olhos, Isadora mudou a feição quando viu a imagem do pai se aproximando.

No segundo dia de aula, eu pude contar com a ajuda do Pedro, também estudante do curso de Teatro, já que a Júlia havia viajado. Havíamos preparado uma aula com o tema “mar” onde usamos os colchonetes azuis novamente e fizemos sobre ele um tapete enorme de plástico bolha e espalhamos colchas de várias formas sobre ela. Dispusemos pelo espaço, também, alguns “lança bolha de sabão” para que as crianças pudessem brincar e realmente imaginar que estavam no fundo do mar. Já havia sido iniciada a aula quando o pai da Isadora apontou na porta com ela no braço, olhei para ela e dei um sorriso, mas a cara dela estava de poucos amigos. Aos poucos, Isadora se sentou junto a nós na brincadeira, se levantou deu uma volta sobre o plástico bolha e sentou cabisbaixa novamente, tentei incentivá-la a brincar com o “Lança bolha de sabão”. Ela brincou um pouco e logo o deixou de lado e ficou ali, sentada, observando as outras crianças e a mim. Todas as minhas tentativas de agregá-la na brincadeira junto às outras crianças foram falhas. Mas decidi não insistir muito, quis deixar que ela fosse se acostumando aos poucos, no tempo dela.

No terceiro dia de aula, iríamos trabalhar com argila num espaço ao ar livre. Nessa turma de 2 a 3 anos eu e a Júlia tínhamos como proposta trabalhar com elementos que remetesse as sensações e texturas: água, plástico bolha, argila, terra, grama, folhas, tinta. E nesse dia seria trabalhado um processo de criação a partir da argila. As crianças ficaram bastante animadas, algumas ficaram com receio de manusear a argila, já outras estavam tão acostumadas que parecia até que a argila era o seu brinquedo diário.

O pai da Isadora chegou e ficou observando de longe tentando fazer com que ela ficasse tranquila com a gente na aula. Ela nem queria sair do colo dele. Em todas as tentativas que fizemos, ela chorava e esperneava. Então, eu me aproximei dele e conversamos sobre a situação da Isadora, pois estava nítido que ela não estava se adaptando às aulas e ao convívio com as outras crianças que ali estavam. Queríamos que as aulas fossem uma experiência leve e lúdica para ela e não uma situação com a qual ela fosse obrigada a lidar e onde ela não estava se sentindo confortável, nem com o ambiente e nem com as pessoas que ali estavam. Foi de partir o coração ver que a Isadora não iria mais continuar frequentando as aulas.

O medo da Isadora de entrar em um novo ambiente e não saber lidar com ele era parecido com o meu medo de encarar o desafio de dar aula para essa faixa etária. Do mesmo modo que ela se sentiu ameaçada por aquele espaço nunca visto antes, eu também me sentia ameaçada, mas não por algo externo, mas ameaçada por mim mesma, pela responsabilidade

de conduzir uma turma de crianças tão pequenas. Não era a mesma coisa, de quando eu cuidava dos meus três sobrinhos. Sentia que a carga de compromisso era bem maior e, hoje, tenho muito mais consciência de que realmente era.

Naquele momento, refleti e desejei que a oficina tivesse uma duração gigante, pois acho que ela precisava apenas de tempo para se adaptar. É nosso dever como educadores fazer com que essas crianças se sintam realmente parte do processo, afinal a atitude dela não foi só coisa de criança, vai muito além, aspectos que nem eu mesmo sei explicar. Não era meu objetivo apenas seguir um planejamento de aula, queria conhecer as crianças profundamente, ser amiga delas sem fingimento e, com essa atitude, criar um vínculo e, só a partir daí o trabalho poderia ser feito, seja ele qual fosse.

3.1.2. APRENDIZADOS COM A TURMA DE CRIANÇAS DE 2 A 3 ANOS

Trabalhar com as crianças de 2 a 3 anos me ajudou bastante a ter mais autonomia sobre os meus desejos de condução de processo, as aulas eram uma mistura de várias sensações e grandes aprendizados, e quando pensei que o frio na barriga diminuiria, não teve um dia sequer que não o sentisse. Ainda estávamos no campo das sensações, então sempre trazíamos elementos que ajudassem as crianças a “fazer de conta” e imaginar outras possibilidades com esse elemento, teve uma aula muito divertida onde espalhamos várias caixas de papelão pela sala e pelo espaço. Quem me inspirou a levar essa proposta das caixas foi o professor Daniel Costa, com uma atividade semelhante que fez na ESEBA, quando eu o acompanhei pelo programa de Residência Pedagógica.

Tentei mesclar bastante as minhas vivências na escola com as minhas experiências na oficina, o que me proporcionou um vasto repertório de ideias a partir dessas experimentações. Ressalto que todo o processo do estágio III e IV foi acompanhado por registros das aulas por meio de fotos e vídeos, e, esses registros foram autorizados pelos pais das crianças, logo, estes puderam ser utilizados neste trabalho acadêmico.

Ao propor as brincadeiras das caixas, deixando livre para o manuseio, todas as crianças participaram, cada uma à sua maneira, tendo sempre como ideia base, a de trazer novos elementos que faziam com o que a criança, fosse brincante a partir das suas próprias ideias. O que para nós adultos pode parecer apenas uma caixa, para as crianças é uma

possibilidade de dar asas à imaginação e construir vários minimundos, pois essa caixa pode se tornar qualquer coisa que ela queira.

Enquanto as crianças entravam, ficamos caladas, sem dar nenhuma orientação, pois queríamos ver como elas iriam interagir com aquele elemento. De início, elas ficaram confusas sobre o que aconteceria. Ficaram paradas olhando para o espaço, mas não demorou muito para que a Isis corresse em direção a uma caixa, ela olhou pra mim e disse “Me empurra, vamos brincar de carrinho” e as outras logo aceitaram a proposta da brincadeira e de repente fazíamos de conta que estávamos em uma rua movimentada, começou a surgir carrinho de picolé que passava de casa em casa.

Foto 1 - Isis 2 anos, aluna da oficina: Aula com o elemento caixa.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2018.

Foto 2 - Aula com elemento caixa com as crianças de 2 a anos.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2018.

Em uma caixa, se juntaram duas crianças para brincar. Elas eram irmãs e, enquanto a rua movimentada se instaurava, elas fecharam a tampa da caixa que naquele momento virou casa e ficaram lá conversando uma com a outra, contando segredos. Onde uma ia a outra ia atrás, uma só aceitava o jogo se a outra também aceitasse. Era assim em todas as aulas, a relação de amizade das duas era bonita de se ver. Em um dia muito chuvoso, em que só apareceram as duas para a aula, que seria sobre a descoberta de vários tipos de folhas, decidimos manter o planejamento normal e partir com as duas para o lado externo da sala.

No caminho, cantarolamos a música “Alecrim dourado”, ao mesmo tempo que pegávamos folhas, elas estavam felizes como nunca vi, elas estavam felizes e mais cúmplices do que nunca, cantavam e riam ao mesmo tempo em que pegavam as folhas e guardavam na sacola e, logo, a chuva não foi um problema. Aquela aula tinha tudo para ser um grande fracasso pelo pequeno número de crianças, mas a cumplicidade das duas irmãs salvou nosso planejamento de atividades. Começamos a identificar as características das folhas: Tamanho, cor, peso, se o toque era áspero ou aveludado e, aos poucos, aquela aula foi se tornando muito mais que o descobrimento das folhas, mas também um olhar profundo sobre a relação das irmãs.

Foto 3 - Lalá e Maria Iris, 2 anos, alunas da oficina: Explorando o elemento caixa.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2018.

A proposta com a argila foi muito especial, pois a partir dela pude conhecer um pouco mais sobre cada criança e um pouco de como ela se relacionava fora daquele espaço. A argila foi um elemento novo para a maioria das crianças, com o qual muitas nunca tinham brincado. Por ser um material bem maleável, a argila permite que se tenha uma grande exploração de formas com a intenção de potencializar a habilidade de dar forma às suas ideias estimulando a criatividade ao mesmo tempo em que auxilia na concentração.

Seguindo com as experiências sensoriais também levamos a proposta do trabalho com tintas. Fizemos um tapete de cartolina e levamos tintas de tudo quanto era cor, a ideia era fazer com que as crianças experimentassem não só a textura da tinta, mas também as possibilidades de criação de novas cores a partir das tintas que já tínhamos. As crianças entraram animadas e, sem receio, já começaram a manusear o material oferecido. Deixamos as crianças livres para brincar e criar como quisessem, lembro-me que a cor vermelha era a mais pedida. Logo percebemos que o tapete de cartolina foi ficando pequeno para tanta imaginação, e quando nos demos conta, a sala LAC estava dominada por tintas de todas as cores, assim como as crianças, que se enfeitaram com as próprias pinturas.

O uso da argila e também da tinta proporcionou para as crianças uma rica experiência sensorial, na criação de formas que habitam o imaginário e a realidade, aprofundando a sua relação com esse material e todas as suas possibilidades lúdicas, estéticas e poéticas.

Foto 4 - Aula com o tema Argila com as crianças de 2 a 3 anos.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2018.

Foto 5 - Esculturas de argila feitas pelas crianças de 2 a 3 anos - Aula com o elemento.



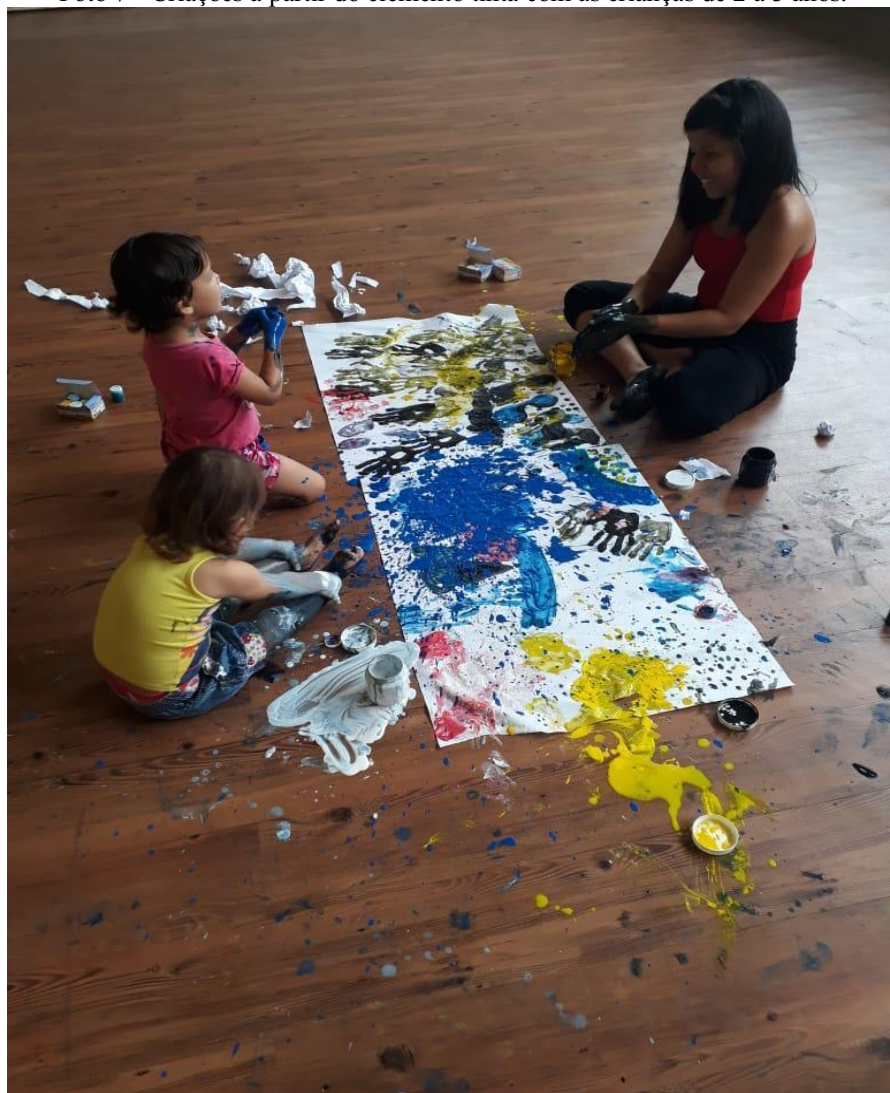
Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2018.

Foto 6 - Aula com o tema: Tinta com as crianças de 2 a 3 anos.



Fonte: Paulina Caon, 2019.

Foto 7 - Criações a partir do elemento tinta com as crianças de 2 a 3 anos.



Fonte: Júlia Leão, 2019.

Foto 8 - Finalização da aula com tinta com as crianças de 2 a 3 anos.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz. Modo automático, 2019.

Foto 9 - Pintura feita pelas crianças de 2 a 3 anos, a partir elemento tinta.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2018.

Foto 10 - Pintura feita pelas crianças de 2 a 3 anos, a partir do elemento tinta e grãos de feijão.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2018.

Foto 11 - Criação feita pelas crianças, a partir do elemento tinta, feijão e cola.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2018.

3.1.3. CONHECENDO A TURMA DE 4 A 6 ANOS

A turma de 4 a 6 anos não me dava tanto medo, pois já havia trabalhado com essa faixa etária antes; para essa turma decidimos adentrar mais no drama processo e no jogo de histórias inventadas. Trabalhamos uma mistura entre realidade, jogo de faz-de-conta e o jogo de regras, abordando entre eles a percepção de coletivo, em que, por meio das atividades lúdicas, é possível fazer com que elas possam se comunicar consigo mesmas e com o mundo, estabelecendo relações sociais e construindo conhecimento.

Lembro-me que no primeiro dia de aula, aproveitamos o espaço que já havíamos montado para a primeira turma. Um grande tapete de colchonetes azuis, e fizemos uma caça ao tesouro debaixo d'água, fizemos algumas lupas com papel sulfite e demos um para cada um para ajudar na sua caça, essa turma era bem mista e com personalidades bastante distintas. Começaram destemidos a caça no fundo do mar e a primeira coisa a ser encontrada foi uma garrafa pet e decidimos que tudo que fosse encontrado a partir daí seria guardado nessa garrafa, foi uma busca minuciosa, as crianças a cada detalhe, e surgiram tesouros de tudo quanto era jeito, e que foram muito bem guardados no baú secreto, que no caso, era a garrafa que acolheu todos os objetos.

Foto 12 - Primeira aula com a turma de 4 a 6 anos, com o tema: Jogo de Caça ao Tesouro.



Fonte: Júlia Leão, 2018.

3.1.4. ADENTRANDO NO DRAMA PROCESSO: UMA INVESTIGAÇÃO ENTRE FANTASIA X REALIDADE.

A partir da caça no fundo do mar, decidimos fazer o primeiro episódio do drama processo ao qual nomeamos de “Navio de Piratas”. Criamos o ambiente em uma sala convencional, fechamos todas as cortinas para que ficasse mais escuro, espalhamos ventiladores por toda a sala e usamos as carteiras para delimitar o espaço do navio e o espaço do mar. Cada marujo possuía um chapéu e uma luneta de papel para que sua figura se instaurasse. O dever dos marujos era ajudar o comandante nas tarefas do navio. As crianças compraram a proposta da brincadeira e até inventaram nomes para os seus marujos. As brincadeiras viraram treinamento para os marujos enfrentarem o alto-mar e passarem por várias turbulências até avistarem terra firme.

Foto 13 - Distribuição dos adereços para as crianças de 4 a 6 anos, aula com o tema: Alto-mar.



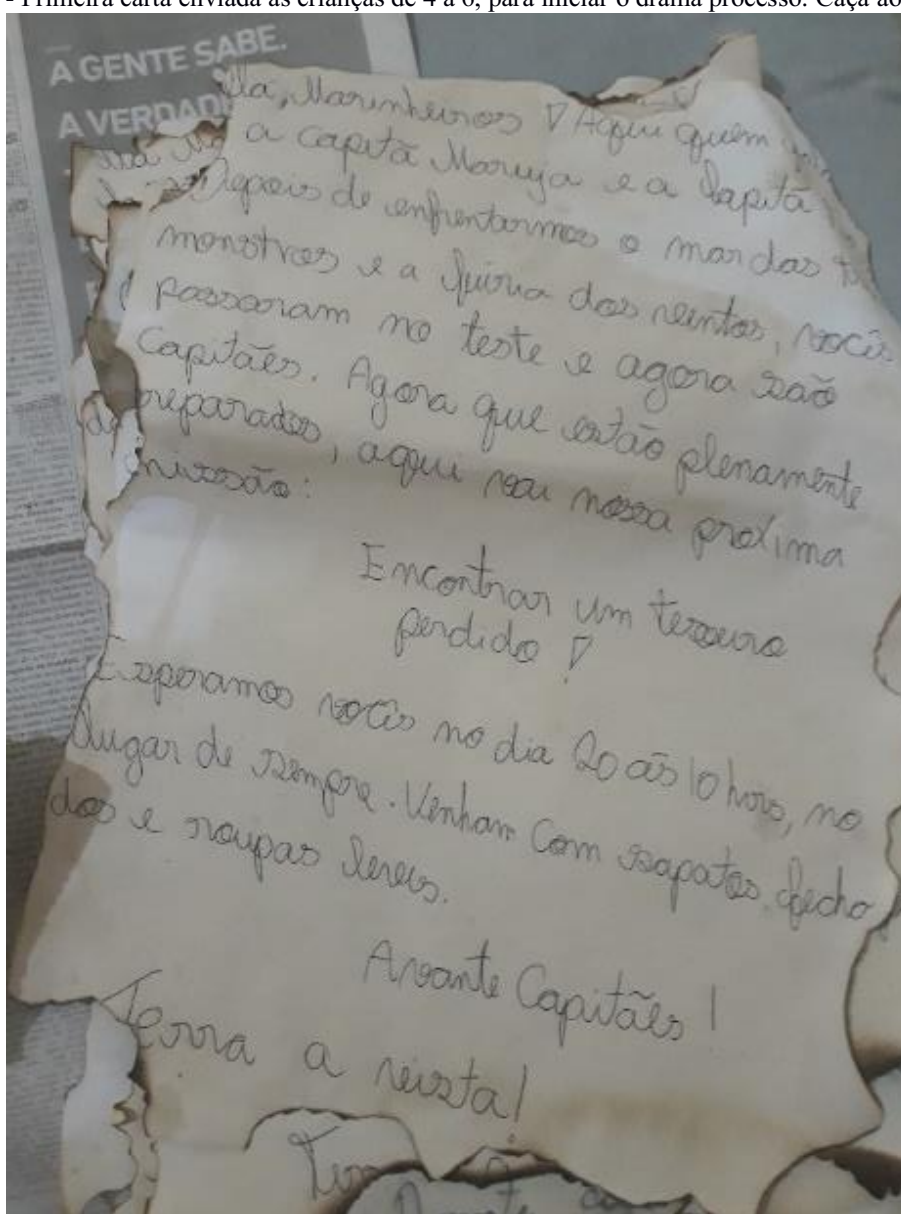
Fonte: Mãe da aluna Brenda, 2018.

3.1.5. MAPA DO TESOURO

Para dar início ao segundo episódio do drama processo, eu e a Júlia contamos com a ajuda dos pais para que fosse enviada para cada criança uma carta que continha o mapa do

tesouro que levaria ao baú secreto, eu mesma desenhei a mão todos os mapas. Os pais das crianças foram grandes companheiros nessa aventura, pois foram eles que nos ajudaram a cumprir o desafio de entregar as cartas para cada uma separadamente. E no dia do encontro, as crianças chegaram animadas mostrando com orgulho a carta que havia chegada, mal conseguiram esperar para dar início a aventura. O Gustavo que sempre gostava de tomar frente, foi um dos primeiros a dizer em tom sério que havia decifrado todo o mapa, ele olhou para mim e disse “Eu sou muito bom em achar tesouros”. Partimos todos para o lado externo da sala, e com o mapa na mão, tentávamos desvendar o caminho.

Foto 14 - Primeira carta enviada as crianças de 4 a 6, para iniciar o drama processo: Caça ao Tesouro.



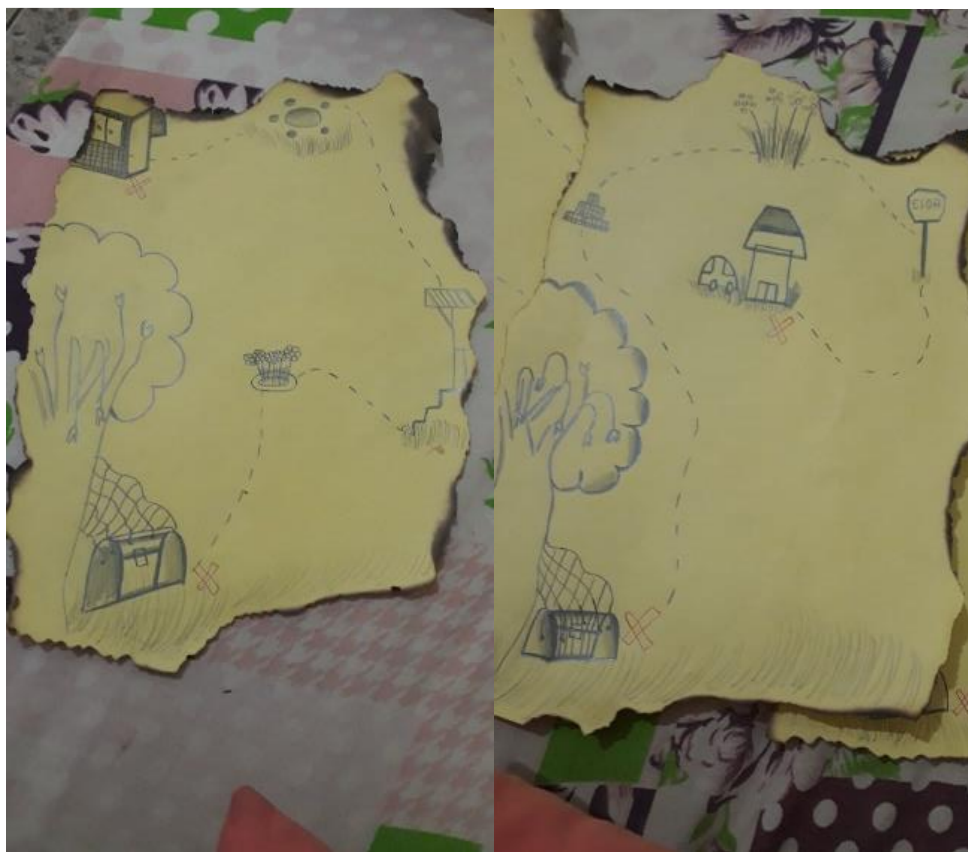
Fonte: Júlia Leão, 2018.

Foto 15 - Mapa para o primeiro episódio do drama processo: Caça ao Tesouro.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2018.

Foto 16: Mapas usados pelas crianças de 4 a 6, para o segundo episódio do drama processo.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2018.

3.1.6. CONHECENDO O MUNDO PERDIDO E A CRIAÇÃO DOS ANIMAIS

Para compor o baú do tesouro contamos com alguns adereços do LICA - Laboratório de Indumentária, Cenografia e Adereços do curso de Teatro, como a mala velha que fizemos de baú, um tecido dourado para cobrir o interior da mala e algumas bijuterias brilhantes. Havia também variados tipos de conchinhas, que por sua vez eram as mesmas que havíamos trabalhado com as crianças de 2 a 3 na aula sobre o fundo do mar, colocamos dentro dele do baú, várias moedas de ouro que na verdade, eram moedas de chocolate. O baú era coberto por uma rede de pescar velha e o escondemos bem no fundo do bloco 5U, debaixo de uma árvore com flores amarelas. A primeira carta deixava bem claro que depois de ter passado por tanta tempestade, havíamos finalmente chegado no mundo perdido, e a nossa missão era encontrar o baú do tesouro para que ele nos mostrasse qual seria o próximo desafio.

Um dos alunos, o Arthur, estava descrente e insistia em não acreditar que havia de fato um baú secreto. Enquanto as crianças caminhavam em busca do tesouro ele resmungava que na verdade não existia tesouro nenhum e que aquilo não passava de uma grande mentira, desde o início das aulas ele era sempre pessimista com as brincadeiras, deve ser por isso que de cara ele não se deu muito bem com o Gustavo que era o oposto. A mãe do Arthur era médica; quem sempre levava ele para as aulas era a sua babá, das poucas vezes que a mãe dele o levou, ela nos disse com essas palavras: “Eu sou médica, e não sou uma mãe presente”.

A partir daí todas as atitudes do Arthur ficaram mais claras na minha cabeça, ele era uma criança muito realista e nunca se deixava levar pelas brincadeiras de faz de conta que propúnhamos, já havia percebido que isso tinha haver com toda uma estrutura familiar desequilibrada, os pais separados e nenhum dos dois parecia ser muito presente.

Voltando a caça ao tesouro, Gustavo, que já havia decifrado todo o mapa, foi guiando o restante das crianças que também ajudavam dando palpites de onde o tesouro poderia estar. Depois de dar muitas voltas e nada de tesouro, Arthur olhou para o grupo e disse “EU FALEI QUE NÃO EXISTIA TESOURO NENHUM” mas no mesmo momento o Gustavo gritou “ACHEI GENTE, OLHA O TESOURO DEBAIXO DA ÁRVORE” olhei imediatamente para o Arthur, queria ver a reação dele ao ver que realmente havia um baú de tesouro bem ali na sua frente, e foi uma das reações mais lindas que eu já vi, enquanto o grupo corria, ele ficou estático com a boca aberta sem acreditar no que estava vendo, logo ele caiu em si e junto às outras crianças, correu sorrindo ao encontro do tesouro secreto.

Foto 17 - Exploração do espaço das crianças de 4 a 6 anos, a partir do mapa do tesouro.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2018.

Foto 18 - Momento em que o aluno Arthur (6 anos), avistou o baú de tesouro.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2018.

Foto 20 - Leitura da carta junto às crianças de 4 a 6 anos, encontrada dentro do baú do tesouro no segundo episódio do drama processo: Caça ao Tesouro.



Fonte: Paulina Caon, 2018.

Ao se aproximarem do baú, as crianças ficaram eufóricas, não sabiam o que pegar primeiro. As meninas logo se enfeitaram com todas as joias ao mesmo tempo em que pegavam as moedas de chocolate. Bem lá no fundo existia outra carta que dizia aos marujos que naquela terra, estava escondido um pedido muito especial. Esse pedido estava em forma de carta, mas por causa de todas as tempestades a carta se desfez em vários pedaços, e a missão era de encontrar todos os pedaços da carta e juntar.

A partir da descoberta da carta, iniciamos o terceiro episódio do nosso drama, que tinha como tarefa: juntar os pedaços da carta que estavam escondidos debaixo da terra. Para essa aventura, pedimos a cada criança que trouxesse de casa a sua pá para cavarmos a terra em busca dos fragmentos da carta. Eu e a Júlia tínhamos enterrado os fragmentos no jardim da tenda do E, em 3 pontos diferentes e criado um outro mapa que serviu de auxílio para esta busca. Dividimos a equipe em três grupos, e cada grupo possuía o mapa de um dos pontos.

A proposta dessas missões, além de estimular a imaginação, era também a de exercitar o trabalho em coletivo. Ao encontrarem os fragmentos da carta, o desafio foi o de ler o que queria dizer, pois estava suja e muito rasgada. Auxiliamos as crianças na leitura da carta que dizia que havíamos encontrado um mundo perdido, onde não havia nenhum animal, no qual a nossa missão era a de criar seres para povoá-lo, seres nunca vistos antes.

Foto 21 - Momento em que o aluno Gustavo (6 anos), encontrou o primeiro fragmento da carta enterrada.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2019.

No quarto e último episódio do drama, pedimos para que as crianças trouxessem de casa vários materiais para a criação dos nossos animais. Achamos interessante fazer uma mistura de todos os materiais usados ao longo do processo: plástico bolha, caixa de papelão, jornal, tinta, argila, papel sulfite etc. Esses materiais acrescentaram no nosso processo, nos ajudando a promover a criatividade, a autonomia, percepção visual, imaginação, expressão e socialização das crianças.

Por meio desses materiais, as crianças puderam experimentar diferentes texturas e sensações, ampliando o seu conhecimento sobre o espaço em que vivem e sua capacidade expressiva e, com isso, favorecendo o desenvolvimento de suas habilidades criadoras e da sensibilidade. Dividimos mais uma vez o grupo em dois e iniciamos a missão, o primeiro passo foi a de dar nomes para esses seres, e foram surgindo um mais extraordinário que o outro, o que me deu inspiração para criar esse poema que fiz pensando na experiência com essa turma.

Inventariança

Imagine só, se eu imaginasse,
Uma sala repleta de crianças,
E juntas formássemos uma grande brincadeira de criança.
Crianças de todos os tipos, não de todas as idades,
De todos os tipos eu disse.
Todos os tipos de criança,
E juntas formássemos uma grande aliança,
Confiança de criança.
Não em mim adulta,
Mas em mim criança que me tornei também.
E embarcássemos na inventariança de que estávamos todos no fundo do mar,
Olha só que bobeira, logo não posso ser criança,
Se estou no fundo do mar,
Tenho que ser peixe, bolhas de água, estrela do mar,
Posso ser o próprio mar, ou até mesmo as ondas.
Afinal no mundo da inventariança tudo é possível meus amigos,
Tudo é possível...
Caixa de papelão vira casa,
Vira carro de sorvete,
Vira quarto de criança,
Vira caixa de segredos de crianças.
Crianças de todos os tipos,
Não de todas as idades,
De todos os tipos eu disse.
Logo depois vem tempestade,
E num piscar de olhos fomos parar
No alto do mar.
Eu, uma simples criança,
Era maruja de uma grande tripulação,
Que estava em busca de um tesouro.
Lá me chamavam de capitã Florzinha,

Tinha também a capitã “Maruja”, que era muito mandona,
A capitã “Batom” vivia agarrada ao seu batom e ao seu laço de fita
Que ocupava a maior parte da cabeça,
O capitão “Sei lá” era tão rabugento que quando fazia careta
A sua feição ficava parecida com a de um senhor de 60 anos,
Tinha muitos outros, que agora não me recordo bem dos nomes,
Acho que foi a tempestade, que me fez balançar de um lado para o outro
Que até perdi um pouco a memória.
E todos nós, corríamos contra o tempo e contra a tempestade,
Formando uma grande aliança de confiança,
Aliança não,
Laço,
Pois tudo isso poderia se desfazer em qualquer passo em falso.
E depois da tempestade veio a bonança,
De pararmos em uma terra secreta,
Sem dono, sem nome, sem nada.
E saímos da arca da aliança,
E com uma enorme confiança,
Estávamos prontos para entrar nessa terra nova.
Não estávamos perdidos, tínhamos um mapa na mão,
Que servia como escudo de proteção,
Para a nossa imaginação.
Ufa!
É tanta informação, que até me perco nas palavras,
Assim como ficamos perdidos ao encontrar tanta joia e moeda de ouro,
Em um baú grande e velho.
Que ao ser aberto nos fez um pedido,
Para que déssemos para esta terra escura,
Animais mágicos,
Nunca habitados por ali antes,
Ora, ora, dito e feito!
E todos assumiram a liderança,
Em dar para esta terra sem vida,

Um pouco mais de esperança,
E meus amigos,
Imaginem só, o que saiu dali.
Foi pássaro terrestre, porco espinho de fita,
Gato com juba e asas de dragão,
Teve até cachorro com cabeça de gato e seis pernas,
Uma cobra desengonçada com cinco cabeças,
E por fim, um camelo em ouro inacabado.
Imagine só, se em uma sala,
Repleta de crianças,
Fosse dada a liberdade,
De criar coisas fantasiosas,
Dedos se tornasse pincel,
E deles espirrassem várias tonalidades de cores
Que juntas, formavam um grande mar de sonhos multicoloridos
Sonhos que muitos de nós,
Não acreditamos mais,
Perdemos...
Ou evoluímos, na verdade não sei se isso,
É bom ou ruim,
Vai saber...
Mas voltando a terra perdida,
Os animais ganharam vida,
Foi lindo, foi mágico.
Todo mundo orgulhoso,
Por ter dado a terra perdida,
Um pouco mais de cor.
Pena que morreram todos, horas depois,
Morreram no mundo real,
Pois no mundo da inventariança,
Estarão sempre vivos.
Imagine só, uma sala repleta de crianças,
Crianças de todos os tipos,

Não de todas as idades,
De todos os tipos eu disse.
Pois é, eu imaginei,
E quase acreditei que poderia ficar ali,
No mundo da imaginação para sempre,
Rodeada de criança, com cheiro de criança,
Fazendo bagunça de criança, chorando feito criança,
E sorrindo igual criança.
Tudo culpa dessa tal imaginação,
Que prende minha atenção o tempo todo. (CRUZ, 2018)¹

Foto 22 - Processo colaborativo de algumas das crianças de 4 a 6 anos na oficina de criação dos animais da Terra Perdida.



Fonte: Júlia Leão, 2018.

¹ Poema “Inventariança” – Autora: Leiliani Alves da Cruz, 2018.

Foto 23 - Exposição do Animais criados a partir do drama em processo: Caça ao Tesouro no COMUFU, feito pelas crianças de 4 a 6 anos da oficina.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2018.

Foto 24 - Último dia da oficina com as crianças de 4 a 6 anos.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz. Modo automático, 2018.

3. 2. CONTANDO HISTÓRIAS: UM EXPERIMENTO A PARTIR DO CORPO DO NARRADOR

Esta oficina se apresentou como um grande desafio desde o início, partindo mesmo no dia das inscrições, no qual tivemos pouquíssimos inscritos, mais precisamente, três! Escolhemos a faixa etária de 7 a 9 anos, para uma quarta-feira à tarde, sabíamos que era um risco, mas preferimos seguir adiante com a nossa escolha. Diante da pouca procura tentamos captar mais alunos, sem nenhum sucesso. Então assumimos completamente o risco de lidar com uma turma de apenas 3 crianças.

A ansiedade para o primeiro dia de aula era grande, queríamos muito conhecer as carinhas dos nossos alunos, foi então que chegaram um a um na sala, sem nenhuma timidez: Isadora, Yasmin e Arthur. Logo já começaram a tagarelar uns com os outros, dando ideias de jogos para as aulas; fiquei feliz com a interação que acontecia entre eles.

A proposta lançada para a turma era o jogo de Contações de histórias, que foi desde o princípio um mecanismo para acessar a imaginação das crianças; o nosso objetivo foi mesmo, o de aprofundar nessa grande brincadeira que é o jogo de contação. Em todas as aulas foram criadas histórias coletivas. De início, não usamos nenhum objeto para essa atividade e aos poucos fomos acrescentando elementos que ajudassem as crianças nessa criação. Percebi que aos poucos as crianças foram liberando o potencial criativo de cada uma,

saindo um pouco da zona de conforto da realidade da sua vida cotidiana, mas sem deixá-la também totalmente de fora, fazendo uma mistura entre realidade e fantasia.

Aliado com o método de drama trazíamos para as aulas estímulos como música, objetos pessoais de cada um, construção do ambiente de sala, aventuras em mundos inventados em espaços externos, analisando a relação de cada criança com a fantasia e a realidade, e oferecendo-lhes incentivos que instigassem a criatividade em cada contação de história. Já dizia Rodari:

Não se trata, é claro, de brincar no “lugar da criança” relegando-a ao humilhante papel de espectadora. Trata-se de se colocar a seu serviço. É ela quem comanda. Brinca-se “com ela”, “para ela”, para estimular a sua capacidade inventiva, para dar-lhe novos instrumentos que serão usados quando brincar sozinha, para ensiná-la a brincar. Enquanto se brinca, se fala. Aprende-se com a criança a falar com as peças do jogo, a compreender seus nomes e papéis, a transformar um erro em uma invenção, um gesto em uma história. (RODARI, 2003, p.93)

Ao lerem essa citação de Rodari muitos achariam contraditório o trecho em que ele diz que o adulto “ensina a criança a brincar” pois vai contra a todos os pensamentos citados de outros pesquisadores e também dos objetivos da pesquisa, mas lendo a citação completa a minha leitura sobre ela é que na verdade, quando o autor fala de ensinar a criança a brincar, ele não está falando de um ensinamento direto, onde o adulto provém como a criança deve brincar, mas acredito que o que ele realmente quer dizer, é sobre a criação de possibilidades que o adulto constrói para que a criança possa se descobrir sozinha.

Durante as oficinas, trabalhamos jogos de concentração e atenção para o desenvolvimento da agilidade e de um espírito de equipe. Mas no decorrer do processo sentimos necessidade de acrescentar exercícios de relaxamento lúdico, como uma maneira de deixar as crianças mais tranquilas durante as aulas. Para estes exercícios, utilizamos o método Schultz, que é uma técnica de treinamento autógeno criada pelo psiquiatra alemão Johanes Heinrich Schultz para o tratamento de estresse e ansiedade (SHULTZ, 1930 apud Volpe e Volpe, 2009.).

O termo autógeno vem das palavras gregas “autos” (si mesmo) e “genos” (gerar). Com o uso desses termos para nomear sua técnica, ele acreditava que o relaxamento poderia ser induzido pela própria pessoa. Nos encontros em que utilizamos o método Schultz, trabalhamos exercícios de concentração de peso nas partes do corpo e logo em seguida o

relaxamento dos músculos, bem como o alongamento onde as crianças aprenderam a diferença entre alongar, onde a mente está focada em cada parte do corpo que está sendo trabalhada, e relaxar, que se caracteriza como uma forma de esvaziamento de pensamentos e emoções indesejáveis.

Agregando aos exercícios de relaxamento foram feitas duas atividades em duplas que se chamam “Espanador” onde um dos integrantes da dupla se deita no chão e o outro com uma pena, espana pelo seu corpo, que no caso da oficina no lugar da pena foi utilizada uma folha; o outro exercício se chama “Bola macia” onde é feito uma massagem pelo corpo com a bolinha.

Foto 25 - Ambientação do espaço para a aula da oficina com crianças de 7 a 8 anos, a partir do elemento bolinha.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2019.

Foto 26 - Criação das placas com os nomes fictícios para compor o espaço, feito junto às crianças de 7 a 8 anos.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz. Modo automático, 2019.

Foto 27 - Visita da nossa colega Sara, para observar a nossa oficina com as crianças de 7 a 8 anos.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2019.

Foto 28 - Aula: Investigação do Corpo e Formas no Espaço, com as crianças de 7 a 8 anos.



Fonte: Hallan Vieira, 2019.

Todos esses exercícios propostos tinham como finalidade não só beneficiar o estado de presença das crianças durante a criação das histórias, mas também como forma de desenvolver o corpo do narrador que ali se instaurava através dessas vivências imaginárias. Eu e o Hallan também tínhamos personagens, do mesmo modo que inventávamos histórias, nos reconectando com o nosso “Eu criança” que se encontrava com as crianças que ali estavam brincando de serem contadores.

Desde o início queria fazer desse processo, um grande rio de estímulos de imaginação e de reencontro com coisas simples de criança, que é a de brincar sem juízo e, assim, desfrutar o brincante de cada uma, as aulas ao ar livre serviram para reapresentar a natureza, o ar, a liberdade, o sonho, e que o mundo real também poderia ser um rio de possibilidades lúdicas.

Nesse sentido:

Não existe risco de que a informação destrua a beleza, a fantasia, a imaginação e a poesia: “Ninguém estará desmerecendo o mito, a fábula, a lenda ou a história de aventura ao deixar a criança perceber que o mundo real à nossa volta também está cheio de maravilhas, beleza, e coisas mais estranhas e curiosas do que somos capazes

de imaginar” (ZIM, 1966, s.p. *apud* GIRARDELLO, 2011).

Tivemos a ideia então de fazer o nosso compartilhamento ao ar livre, pois não existiria lugar melhor para se contar histórias, foram construídas cabanas com a ajuda das mães, que foram nossas grandes aliadas durante todo o percurso, para compor o espaço cênico que tinha tudo a ver com o espírito de brincadeira.

No dia em íamos ter essa experiência com a construção das cabanas, pedimos para aos pais para que trouxessem de casa lençóis de variados tipos para que cada criança criasse a parte interior da cabana da maneira que queria, com os objetos que queria, de modo que ficasse mais aconchegante, como o útero da mãe que traz segurança e conforto, se tornando o refúgio imaginativo de cada uma, reconhecendo o seu espaço e podendo assim ser ela mesma.

Foto 29 - Início do trabalho de construção das cabanas junto aos exercícios de Contação de Histórias, com as crianças de 7 a 8 anos.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2019.

Foto 30 - Família da aluna Yasmin (7 anos), ajudando-o a construir a sua cabana.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz, 2019.

Todo o processo de criação, tanto das histórias como a do ambiente cênico foi muito leve e divertido, assim como foi no dia do compartilhamento para outras turmas de oficinas do curso de Teatro. Pude notar em mim uma maior autonomia de condução e de relação com as crianças, e também a autonomia das crianças sobre elas mesmas e sobre as narrativas, pois foi um processo proposto desde o início das aulas. Então, confiei e entreguei as crianças toda a liberdade de contar histórias.

Meu encontro com essas crianças foi extremamente mágico, a partir dele revi várias coisas de mim, de quem eu sou, para quem eu quero ser, e me fez lembrar também do meu “eu criança” que porventura, não andava tão afastado assim de mim. Eu e o Hallan criamos com estas crianças um elo de muita amizade, carinho, muita diversão e aprendizado, até parecíamos, também, crianças que se encontraram na rua para brincar e descobrir coisas novas, era assim que era.... Reforcei em mim que não devemos subestimar as crianças, pois elas são muito além do que imaginamos, os bobos aqui, são aqueles que a subestimam. E foi assim que terminei a minha trajetória nesta oficina, junto às crianças, do jeitinho que eu sempre quis, frutivo e brincante.

Foto 31 - Roda de conversa com os alunos Arthur, Isadora e Yasmin, um breve momento de concentração para o início do compartilhamento da oficina dos Contadores de Histórias, com crianças de 7 a 8 anos.



Fonte: Leiliani Alves da Cruz. Modo automático, 2019.

3.3. RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

É estranho voltar a escola depois desse período de férias, pois parecia que tudo de novo, era novo. O engraçado é que eu já tinha o sentimento de pertencimento àquele lugar,

mas dentro de mim algo mudou. Acho que foi o meu olhar sobre tudo aquilo que havia vivenciado ao lado do professor Daniel e das crianças. Costumava escrever alguns registros das minhas experiências dentro da escola no meu diário de bordo onde pude anotar fatos sobre as aulas, minhas indagações e os meus devaneios poéticos. O Diário de Bordo, do qual compartilho um trecho logo abaixo, me acompanhou junto a essas vivências e estabeleceu diálogo com outros recursos visuais utilizados no processo, como fotografias e filmagens, com a finalidade de registrar todo o trabalho de uma maneira sensível e processual.

Cheguei na escola e fui atrás do professor Daniel, fui a onde costumava achá-lo antes, mas não o encontrei, olhei para o lado e lá estava ele na porta de uma outra sala, cercado de crianças diferentes, só então me dei conta que tudo começaria de novo, do zero, não do zero em relação às experiências que já havia tido, estas já estavam guardadas e nunca poderia perdê-las; mas do zero sobre novas histórias de vida de crianças, novas personalidades. Entrei na sala do primeiro período, com alunos de 5 anos, meio tímida como se eu fosse uma aluna nova também, e o Daniel me pediu para receber as crianças, e eu logo avistei duas meninas brincando de fazer comida e decidi me juntar a elas, fizemos suco e macarrão em cinco minutos, tempo que demorou para que o Daniel os chamasse para irem para sala. No corredor é sempre uma loucura, é criança gritando, correndo na frente, olhares te observando para ver qual vai ser a sua atitude, e seguimos [...]. O mais estranho nesse primeiro dia de volta do período das férias, foi andar pelos corredores e ver as crianças do ano passado, cumprimentei todas, mas algumas já nem lembravam mais de mim, e nem as culpo, pois, o tempo que passei com elas foi realmente pequeno. A escola ainda é um lugar novo para elas, a eletricidade e a dispersão é comum, creio que com o passar do tempo tudo fique mais fluido, fazendo com que as crianças confiem mais no espaço. Como residente, na fase de regência, tinha e tenho como desafio, ligar as minhas propostas de trabalho com o professor Daniel, o que foi muito bem recebido por ele, ele me ajudou bastante a encarar as aulas para as crianças no ensino básico de uma maneira mais leve e lúdica. A minha ideia inicial em parceria com as ideias do Daniel e bem parecida com que trabalhei com as crianças da oficina, que era estimular a percepção e criação, transformando o espaço que tínhamos de uma maneira lúdica através dos sentidos, promovendo também a continuidade dos signos que eram levantados entre uma aula e outra, como forma de seguimento de processo. (ALVES, 2019).

O Programa Residência Pedagógica do MEC visa proporcionar aos discentes na segunda metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das

escolas públicas de educação básica, e com o contexto no qual elas estão inseridas. E tem como um dos objetivos, fortalecer, ampliar e consolidar a relação da universidade com a escola, promovendo uma união e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores.

O meu ingresso no programa foi na Escola de Educação Básica (ESEBA). Decidi por acompanhar o professor Daniel Costa que é preceptor voluntário do programa e professor de dança na escola, mesmo sendo professor de outra área das artes, quis acompanhá-lo pelo fato dele dar aulas para faixa etária de 5 a 8 anos, que dentre as suas turmas, foi a faixa etária que mais me identifiquei. E o trabalho tinha como tema principal a relação do corpo com os sentidos, movimentos e expressividade.

Eu e o professor Daniel formamos uma parceria produtiva, e a partir do olhar dele sobre a escola, o meu olhar com esse ambiente também foi se modificando, e em cada aula eu me reinventava de uma maneira diferente, cada aula era um bombardeio de reflexões sobre aquele espaço, completamente diferente do que eu estava lidando no estágio III. O objetivo da minha regência junto ao professor Daniel era o de promover um espaço de aprendizado através do corpo da criança e a exploração dos seus sentidos, observando os seguintes procedimentos:

- Conhecendo a dança e seus diversos modos de expressão através de histórias e experiências práticas;
- Proporcionando o contato com elementos das culturas afro-brasileiras e indígenas;
- Propiciando às crianças uma maior interação coletiva, através da exploração de novas formas de brincar, se expressar e também do seu próprio conhecimento de si.

Todas as aulas foram desenvolvidas por meio de atividades práticas que permitiam a experiência do corpo, encarando sempre o processo individual de cada criança. A fantasia ligada à contação de história ajuda a criança a liberar o seu potencial criativo, assim experimentando novas habilidades, podendo ser tanto intelectuais quanto corporais. Partindo então, da atividade lúdica de contar e inventar histórias é possível criar possibilidades com que a criança possa por meio desta se comunicar melhor consigo mesmo e com o mundo que a cerca, estabelecendo assim, relações sociais e construção de conhecimento. De acordo com o pensamento de Rodari:

A criatividade é um dom e não um dom concedido a poucos. A divisão injusta do trabalho, a educação concedida apenas aos privilegiados, a falta de estímulos adequados no ambiente em que cresce a maioria das crianças é que faz com que a criatividade pareça manifestar-se apenas em poucas pessoas. Em Educação, como de resto em muitas atividades humanas, o grande erro, a grande armadilha, é que frequentemente na preocupação de fazer-se um belo trabalho, perde-se de vista nossos verdadeiros objetivos. E o objetivo do verdadeiro educador deve ser um só: educar pessoas que possam mudar esse mundo, tão voltado para coisas sem nenhuma importância, tão esquecido da felicidade de todos, tão cheio de injustiças. (RODARI, 2003, p.10).

No total acompanhei quatro turmas do primeiro período dentro da Residência, e é uma tradição da escola que cada uma tivesse um nome para ser identificada, então todo início de semestre a turma realizava uma votação, e o nome vencedor era aquele que mais tinha haver com a turma, e eu sempre achei isso um máximo, porque o nome de classe mostrava muito de como era a personalidade de cada grupo. Lembro-me bem da primeira turma que tive contato, era turma do Unicórnio, que tinha como um grande mistério encontrar um certo unicórnio que morava no “jardim encantado” da escola que se situava dentro do campus da Educação Física da UFU. E foi pensando na turma Unicórnio que escrevi este curto poema sobre o meu olhar diante dela:

Turma do unicórnio

A tal da criança é engraçada mesmo, né?
Às vezes quer toda a palavra para ela, manda e desmanda,
Tudo isso no seu próprio tempo,
Quer correr para cima e pra baixo,
E quando cai, chora, não gosta,
E quando se levanta, sorri.
E num piscar de olhos lá vai a tal
Da criança correr de novo
Para cima, para baixo
Pro lado e para o outro.
Não passa um segundo sem falar da própria vida,
Quer que todos saibam todos os fatos que te ocorreram,
O nascimento do irmão,

A cor da casa,
O nome do primo,
A viagem que fez,
A viagem que ainda vai fazer,
A viagem que às vezes nem será feita.
Mas eu só sei meus amigos,
Que a tal da criança é engraçada mesmo,
Corre para o lado e para o outro,
Cai, machuca, chora.
Você olha para ela, pega uma bolinha e diz para ela fechar os olhos
Bem forte...
Que o poder da bolinha de unicórnio irá curar a sua dor,
Ela confia, e fecha olhos
E ao abrir, diz que está tudo bem, que a bolinha mágica a curou,
Como se nada tivesse acontecido,
Como se nunca tivesse caído,
Como se nunca tivesse sentido dor.
E as histórias inventadas?
Ahhh, como gostam de inventar histórias
E falam com uma propriedade
Que nunca ninguém ousará duvidar,
Se fingem de bobas, se fazem de bobas,
Sua maior arma é a “bobagem” de suas palavras,
Mas, se adulto tenta inventar histórias,
Já interrompe ele de cara,
E diz: “Adulto é muito engraçado, inventa um tanto de história,
E acha que a gente acredita...
E é nessa hora que o jogo vira,
E o que o adulto faz? Nada!
Só resta rir mesmo. (CRUZ, 2018).²

² Poema “Turma do Unicórnio” – Autora: Leiliani Alves da Cruz, 2018.

REFLEXÕES FINAIS

O desenvolvimento do meu estudo sobre o tema possibilitou uma análise entre essa relação do real e do imaginário, através dessas vivências obtidas, levantando a importância de se usar elementos sensoriais, brincadeiras de faz-de-conta e processos de drama para favorecer o acesso e o desenvolvimento da criatividade presente nas crianças com as quais trabalhei. Quando iniciei o projeto de pesquisa, percebi a necessidade de uma investigação a partir de experiências em torno da ludicidade e da fantasia na prática de contação de histórias na infância, a fim de contribuir não só para o processo lúdico da criança, como também para o seu olhar diante do mundo em que vive, por isso achei importante estudar sobre *experiências lúdicas na infância a partir de contação de histórias*.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral o estudo entre fantasia x realidade, usando através de atividades lúdicas em que ambientamos espaço da sala de aula como fundo do mar, navio de piratas e o mundo perdido, provocando a interação das crianças com esses novos ambientes e construindo, a partir dessa interação, uma conexão com o imaginário. Acredito que, assim, a condução desse processo pedagógico e de criação influenciou o desenvolvimento criativo das crianças, utilizando aspectos da sua vivência real e de fora das oficinas como parte desse processo de criação. Assim, foi possível identificar como essas abordagens ajudavam na relação das crianças com o jogo que era proposto, se abrindo e tendo muito mais liberdade de se relacionar com aquilo que estava dado. Entendendo como essa criatividade e como as nossas descobertas através dessas vivências podem contribuir para melhorar a relação de coletividade das crianças e também com o meio em que vivem.

Acredito que o objetivo geral foi alcançado, pois a pesquisa foi realizada de acordo com a proposta destes exercícios, usando-se de fatores externos e elementos sensoriais com as crianças de 2 e 3 onde nos apoiamos no estudo da abordagem Pikler para iniciar o trabalho de relação de confiança com as crianças além de ajudar a compor o desenvolvimento do potencial criativo, através dessas experiências e da autonomia das suas próprias descobertas, sendo elas intelectuais, cognitivas ou corporais.

Essa atividade foi importante, pois a partir dela foi possível uma criação de vínculo entre mim e as crianças, e dentro do jogo pude observar com mais clareza e com o olhar lúdico como as crianças se desenvolviam dentro de cada atividade, me aproximando assim de particularidades de cada uma. Ao longo do processo fui criando a consciência de que o

professor é peça fundamental quando se trata de mediar o processo educativo, tendo o papel de organizar o espaço de forma que motive as crianças a aprender brincando.

Além de estabelecer um vínculo das perspectivas dos autores citados, onde a prática narrativa pode ser entendida como uma conexão onde as crianças conseguiram realizar as experimentações de uma maneira mais espontânea, inclusive em frente a um público desconhecido, no dia do compartilhamento para as turmas de teatro para a comunidade na UFU (COMUFU). Essa espontaneidade ia aumentando em cada aula, podendo ser observada na maneira com o que as crianças se relacionavam com as histórias criadas além de propor ideias para que aquela história fosse aprimorada de uma maneira colaborativa e tendo a liberdade de organizar as suas experiências e as suas vivências, colocando a realidade em diferentes dimensões de acordo com a necessidade da narrativa criada e experimentada.

Pude notar que através dessa combinação entre realidade e fantasia, que as crianças do estágio IV conseguiram construir a partir disso um mundo de possibilidades que foram explorados através da escuta e da produção das suas próprias histórias, com seus personagens e seus desejos. Explorando o exercício de instigar e envolver o outro naquilo que conta. A única dificuldade encontrada por mim nesta pesquisa foi a limitação de tempo que prejudicou tanto o trabalho de criação de vínculo com as crianças, como a oportunidade de abranger o tema de uma maneira muito mais profunda, o que, se tivesse sido possível, poderia ter me ajudado a criar várias outras possibilidades a partir do tema.

Sendo assim, sugiro para futuras pesquisas que os experimentos acerca do jogo de Contações de Histórias sejam feitas com um período maior de tempo, talvez dentro de um grupo de pesquisa para que se possa também abordar faixas etárias distintas a fim de analisar essa noção de imaginário e realidade junto a jogos com um mergulho mais aprofundado no estudo do elemento fantástico, podendo-se levantar, a partir disso, propostas dramatúrgicas e de encenação.

Por fim pude concluir que a Contação de Histórias é uma excelente prática pedagógica, que ajuda na construção da individualidade das crianças, no despertar da criatividade, da oralidade e também no desenvolvimento do seu pensamento crítico acerca de si mesmo e sobre o mundo. A partir desse trabalho pude perceber como esta ferramenta é benéfica para o conhecimento do educador que a pratica. Todo esse processo me ajudou a tomar consciência de como é importante uma boa condução do grupo, ao mesmo tempo em que é importante deixar as crianças livres para experimentar no espaço, aprendendo a

construir camadas que não precisam necessariamente levar a um resultado final, pois para mim o que fica é sempre o processo vivido ao longo de todo trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Leiliani. **Diário de bordo do processo**. Uberlândia, 2019.

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1994.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1990a.

CABRAL, Beatriz. **Drama como método de ensino**. São Paulo, Hucitec, 2016.

CAFÉ, Ângela Barcellos. **Dos contadores de histórias e das histórias dos contadores – Goiânia**: Editora UFG, 2005.

GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação: A arte e ciência na infância**. Campinas, 2011.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. EDITORA PERSPECTIVA S.A. São Paulo. 2001.

MELLO, Sueli Amaral. SINGULANI, Renata Aparecida Dezzo. **A abordagem Pikler-Loczy e a perspectiva histórico-cultural: a criança pequeninha como sujeito nas relações**. Perspectiva, Florianópolis, 2014.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

REGO, T. C. Vygotsky: **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

RODARI, Gianni. **A gramática da Fantasia**. São Paulo: Summus, 2003.

SOUSA-FILHO, Paulo G. **Introdução aos métodos de relaxamento**. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). Anais. 14º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. In: VIGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1988. p. 103-117.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.